

# POVO ALGARVIO



SEMANÁRIO REGIONALISTA — DIRECTOR, EDITOR E PROPRIETÁRIO: MANUEL VIRGÍNIO PIRES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO ≡ RUA DR. PARREIRA, 13 ≡ TELEFONE 127 ≡ TAVIRA ≡ COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO ≡ TIPOGRAFIA «POVO ALGARVIO» ≡ TELEF. 266 ≡ TAVIRA

Biblioteca Nacional  
Serviço de Depósito Legal  
L I S B O A - 2

## Balanço e Reflexões

**M**AIS um ano. A vida continua na sua marcha tradicional, registando as alterações impostas pelas leis da Natureza e as jurisdições humanas. Mais um ano de luta e de canseiras na vida do jornal que todas as semanas surge na caixa do correio do leitor para lhe comunicar algo do que se passa, comentar acontecimentos e criticar por vezes o que merece reparo.

É assim há quase 37 anos. Talvez o leitor não se tivesse ainda apercebido desse esforço quantas vezes inglório, desse labor que representa a generosa acção de alguns, contra a indiferença de muitos na luta pelo mais puro ideal e em prol do progresso da região. Esquecidos talvez desta nobre missão a que voluntariamente nos propusemos, indiferentes à ingratidão humana, caminharemos com o mesmo ardor, enquanto sentirmos pulsar o sangue nas veias.

Alheios às intrigas, às vozes maldizentes e às invejas geradas por ódios recalçados, prosseguiremos na nossa árdua missão, que consideramos elevada pela altivez dos sentimentos que a animam e pela grandeza do ideal que a norteia.

Mais um ano inicia o seu mandato e a nossa tarefa continua sem desânimo, em defesa dos mais lídimos interesses de Tavira e do Algarve.

Embora por vezes esquecidos daqueles a quem nos mo-

## FESTAS NATALÍCIAS EM OLHÃO

A quadra do Natal foi assinalada na «Vila Cubista» com várias festividades, as quais decorreram sob o signo da fraternidade tão peculiar a esta época. A Igreja Matriz apresentava-se iluminada, assim como o Jardim Dr. João Lúcio, proporcionando um ambiente festivo àquela zona da vila. Entre outras assinalamos as festas efectuadas no:

(Continua na 2.ª página)

## Pequenos Apontamentos

**A**ccção Não será por falta de congressos, simpósios, colóquios, seminários, disto, daquilo e de mais alguma coisa, conferências mais ou menos cimeiras, mesas redondas, ovais, quadradas, rectangulares, à porta fechada, aberta e entreaberta, com banquetes, beberetes, passeios e excursões, que o mundo se não há-de salvar. Coube agora aos agrónomos e silvicultores terem o seu congresso em Angola. Compreendemos que é pela troca de impressões, do conhecimento de experiências feitas, que se irá rasgando o negrume que nos envolve e abrindo clareiras de luz. Reconhecemos na acção dos agrónomos e silvicultores, e, conjuntamente na dos veterinários, obra de muita valia. Simplesmente

desejávamos, que tivesse um carácter mais prático, menos burocrata, que viesse mais ao convívio com os agricultores, principalmente os médios e pequenos de propriedade mais reduzida e consequentemente, de rendimentos menores e talvez por isso mesmo, mais necessidades de conselhos e ensinamentos. Limitar a sua acção a ofícios, circulares e estatísticas que parvos lêem ou compreendem é como um feto que não chega a ver a luz do dia ou crisálida que não rompe o casulo. É como uma redoma que encerra flores muito bonitas, onde penetra a luz mas de onde não sai perfume. E dos silvicultores com especial ansiedade espera a serra algarvia a sua presença activa e decidida. Ela aí está escalvada e, na sua maior parte inútil. Cobri-la de variadas e adequadas espécies florestais é o anseio de tudo que vêem no Algarve mais alguma coisa do que a fimbria do mar com as suas areias frias e douradas.

**M**erecimento O Zip-Zip, que acabou os seus dias, trouxe ao seu tablado o Coro da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Não precisa o Coro dos nossos encómios para ter validade positiva num ambiente em que os pavões empavesam a cauda e julgam cantar como rouxinóis. Disse o seu dirigente que vindo uma vez de Bruxelas onde, num concurso interna-

(Continua na 2.ª página)

## Presépio Moderno

Na capela chamada de Nossa Senhora da Consolação, fronteira à Estação dos Correios, encontra-se exposto um presépio confeccionado pelos alunos da Escola Técnica de Tavira (Ciclo Preparatório) que revela muita graça e espírito inventivo.

Os figurantes são compostos de cartolina, bolas de ping-pong e pequenos retalhos e o cenário armado em papel e verdura.

Tem sido muito visitado e admirado este presépio de novidade, impressionante pelo ingénuo da apresentação.

## CONVERSA DA SEMANA

# A GRIPE

**Q**UEM teve a suprema felicidade de não ser apanhado pela gripe Mao-Tsé não faz ideia de quanto a mesma é amarga, áspera, irreverente, agressiva e torturante. Isto de qualquer simples mortal andar ao frio e sentir os primeiros espirros, os primeiros arrepios com o estômago a arder, os brônquios a apitar, os ouvidos a buzinar, os miolos a rodar, os intestinos e os rins a fazer marcha atrás, e simultaneamente, a febre a desenvolver a sua acção perniciososa, tudo, carregando para a cama a pobre vítima, que vê aproximar-se o espectro da Morte, é uma coisa de meter medo. E para combater o mal dá-se a natural invasão de comprimidos, drageias, supositórios, ampolas, etc., picada num lado, picada no outro, picadas e mais picadas, nos dois lados, ficando as nádegas como um alvo de tiro em barraca de feira, crivada de setas. Debelada a crise, são precisas mais picadas para injectar um revivificante.

(Continua na 2.ª página)



**O** episódio dos magos ou mágicos, tal como nos é contado pelo Evangelista S. Mateus, é breve e simples.

Conta-nos ele que, quando Jesus nasceu em Bethém uns forasteiros chegaram a Jerusalém. Não diz o número deles, nem a raça, nem a posição so-

des do Egipto, ou seja há muito mais de 4.000 anos.

Já então lhes atribuíam poderes de necromantes (espíritos), de profetas, de curandeiros, de feiticeiros.

Na corte dos reis de Babilónia existia uma corporação de «adivinhos» que viviam no palácio. Dividiam-se em doutores da religião, exconjuradores da má sorte, astrólogos, médicos e adivinhos.

Certos historiadores julgam

# OS REIS MAGOS

por DAMIÃO DE VASCONCELOS

cial; mas concebe-se facilmente, pela consideração com que foram recebidos na corte de Herodes, por trazerem consigo arcas de tesouros, e porque os denominavam magos, serem pessoas de elevada jerarquia e distinção.

Mago significa discípulo de Zoroastro, e membro da ordem sacerdotal da Pérsia, doutrina e ordem naquele tempo extensamente espalhada nas nações orientais.

Os três reis, filhos de Zoroastro, eram embaixadores hieráticos dos três continentes então conhecidos: Europa, Ásia e África e dos três mundos analógicos da filosofia oculta. Eram sábios que se supõem terem vindo da Arábia Deserta, da Caldeia ou da Mesopotâmia, nos subúrbios do Eufrates. Como o célebre mago Balaão havia vivido nestas regiões podiam ali ter conservado a memória da profecia pela qual se tinha anunciado a vinda do Messias sob o emblema duma estrela, que devia sair de Jacob (Num 24-VII).

Os magos ou mágicos existiram muito antes das pirâmides.

que esta casta de sábios era mais poderosa que os ministros do rei. O que se sabe é que os sucessivos soberanos da Mesopotâmia (reis da Babilónia, imperadores da Assíria, da Pérsia), nunca tomavam uma decisão grave sem consultarem os magos caldeus.

O motivo que, segundo S. Mateus, deram a Herodes, da sua viagem, foi o terem visto no céu um sinal que lhes anunciava o nascimento do rei dos Judeus e vinham, portanto, a adorá-lo. Não frisa o evangelista se o sinal foi uma estrela ou muitas, nem cometa ou qualquer outro meteoro fugitivo.

Consta que Herodes, preocupado com esta nova, convocou os príncipes dos sacerdotes que serviam no templo, e os escribas do povo, quer dizer, os doutores da lei, depositários dos livros santos e interpretes das escrituras divinas; e perguntou-lhes se os profetas haviam designado onde nasceria o Messias. Respondeu-lhe o conselho unanimemente que

(Continua na 2.ª página)

## ENG. LEAL DE OLIVEIRA

Esteve nesta cidade, dando-nos o prazer da sua visita, o sr. eng. António da Fonseca Leal de Oliveira, ilustre deputado da Assembleia Nacional pelo Círculo do Algarve.

## TROVA

Tem para o tolo o saber  
O mesmo significado  
Que o perfume duma flor  
Para o homem constipado.

V. P.



TAVIRA — Um aspecto da cidade vista do miradouro de Sant' Ana

mentos propícios nunca faltamos com uma palavra amiga e de admiração, havemos de prosseguir com a mesma inquebrantável fé com que nascemos, sem pretender levantar ondas nos vastos mares de vaidades que topamos a cada passo.

Leitor amigo, neste dealbar de uma nova era, como há 36 anos, diremos: o jornal é teu. Não te esqueças que é o mais expressivo porta-voz da nossa terra e que nunca as suas portas se fecharam a qualquer boa iniciativa.

Lembra-te, que 36 anos de vida são prova mais que suficiente para avaliar da sua utilidade, do seu interesse e até da sua estabilidade.

Para manter durante mais de

## MAJOR VITOR CASTELA

Foi nomeado subchefe do Distrito de Recrutamento e Mobilização, em Nova Lisboa, o nosso prezado amigo e inspirado poeta, sr. major Vitor Castela, a quem por tal motivo lhe endereçamos cordiais saudações com votos de prosperidades.

# OS REIS MAGOS

(Continuação da 1.ª página)

Bethlem era o lugar designado pelos profetas.

Para ali mandou Herodes seguir os magos, tendo previamente inquirido desde quando eles tinham visto o sinal no céu. O Evangelista narra em seguida em breves versículos, a jornada dos magos, guiados por um sinal que de novo lhes apareceu, o encontro com o Menino Jesus, e a oferta de mirra, de ouro e de incenso, em forma de preito e de adoração. Finaliza a narração explicando o regresso dos magos, ao país onde tinham vindo, sem visitarem novamente Herodes, por sugestão de um sonho.

Ora o Sol estava ingressando no signo Zodiacal de *Piscis*, quando Jesus nasceu em Bethlem de Judá.

«Foi nesse momento formidável, — escreveu Dmitry Merejkovsky — que as forças celestes se desencadearam: as mãos dos Serafins inclinaram o eixo do mundo, o Sol entrou no Equinócio e o Cristo entrou no Mundo».

É um facto curioso e extremamente raro veio assinalar este acontecimento nos anais da crónica da Humanidade. Uma estrela enorme, cintilante e desconhecida, brilhava no céu de Bethlem...

Era a resultante da conjunção de dois planetas — o Saturno Judaico e o Júpiter Heleno. Era o sinal anunciador da vinda do Grande Rei, o Messias, diziam e murmuravam todas as bocas...

E com a entrada do Sol na constelação aquática de *Piscis*, um novo ciclo solar, uma nova idade histórica raiava para os destinos da Humanidade.

E no Talmud Judaico, o Messias era designado por *Dag*, isto é, *Peixe*, o que levou Abarbanel a crer que o Messias viria à Terra, quando o planeta Júpiter e Saturno estivessem conjuntos em *Piscis*. E o mesmo Dmitry Merejkovsky, já citado, diz: «La estrela bíblica é Saturno».

Segundo Eliphaz Levi, in *Dogme et ri tuel de la haute magie*, e interpretação dos três reis é a seguinte:

«O rei preto (reino vegetal) oferece o incenso, ou seja o símbolo da divindade, dos dois princípios: o bem e o mal e do seu dogma conciliador, também simbolizados no Génesis no reino vegetal: a árvore da ciência do bem e do mal».

«O rei branco (reino animal) oferece ouro, símbolo da vida e da luz».

«O outro rei, o moreno, (reino mineral) oferece mirra: símbolo da morte e da noite».

«Voltaram aos seus reinos por outra estrada para mostrarem que um novo caminho se abria à Humanidade para a conduzir à religião única: a do Ternário Sagrado (a Trindade) e do Pentáculo».<sup>(1)</sup>

A Igreja chama aos três reis Gaspar, Melchior e Baltazar, mas há tradições que lhes dão diversos nomes como Apelio, Almero e Damasco — Malgalath, Galgalath e Sarasino — Atos, Satos e Perátoras.

Mas sejam quais forem os nomes verdadeiros dos três magos, era esperado desde o princípio do mundo um reparador.

Numerosas nações alvoroçadas por esta esperança, fitavam uma estrela que a tradição lhes apontava no céu da Judéia.

Uma antiga e constante tradição derramada por todo o Oriente, anunciava que em determinado tempo devia surgir da Judéia o dominador do mundo.

E desde remotíssimas eras grassava entre os índios e chins o boato de que um sábio viria do Ocidente. A Europa dizia que o sábio viria do Oriente. Todas as nações assentiam à

necessidade dum sábio. Ora a Judeia está colocada ao oriente da Europa e ao ocidente da Índia e da China.

As tradições sagradas e misteriosas dos tempos anteriores à era cristã haviam levado por toda a Ásia a esperança num sublime mediador, o qual devia ser o Juiz supremo, salvador futuro, rei, Deus, conquistador, legislador a inaugurar na terra a idade de ouro e a redimir os homens do império do Mal.

Esta vaga esperança animava os povos. No excesso dos seus males a humanidade inteira pressentia um salvador. Havia séculos já que as mitologias sonhavam com uma criança divina. Nos templos falava-se misteriosamente dela; os astrólogos caldeus calculavam a sua vinda delirando; as sibilas vociferavam proclamando a queda dos pagãos. Os Iniciados tinham anunciado que um dia o mundo seria governado por um dos seus, por um filho de Deus. A Terra esperava um rei espiritual, que seria compreendido dos pequenos, dos humildes, dos pobres.

A Humanidade esperava, pois, Jesus Cristo, o maior dos filhos de Deus.

Segundo Leopoldo Machado, in «*Brasil, berço da humanidade...*» Catarina Emerich, a Santa Catarina da Igreja, quase analfabeta e inculta, medium de possante mediunidade sonambúlica, assombrou os arraiais católicos, espíritos e científicos com as suas revelações do Além, mostrando-nos as peripécias da fuga da Sagrada Família, da Judeia:

«A Sagrada Família também veio a este país (o Brasil), quando fugindo à matança de Herodes, foi expulsa do Egipto, onde, à sua chegada caíram os ídolos por terra».

E depois de acompanhá-la em visões através do Saará, acrescenta: «Nossa Senhora aprendeu a trançar as suas esteirinhas e a fazer as suas rendas, com que ganhava algum dinheiro, pois eram pobres».

A mesma Catarina, vidente, afirma ter visto numa das suas visões os reis magos partirem de três pontos formadores de um triângulo: da ilha de Java, da Média, — antigo país da Ásia, entre a Assíria, a Persia e o mar Cáspio —, e de Tarsis, (?), no Brasil...».

A citada vidente leva-nos a ver a Sagrada Família apedrejada e coberta de injúrias, José, Maria e o Menino Jesus perderem-se no deserto, sem saber que direcção tomar. Eis que sobre o mar de areia aparece de repente uma esquisita floração. E eles, palmilhando sobre o terreno florido, chegaram à terra hospitaleira e bendita que ainda se chama Saará ou *mar de areia*.

Aquela flor — continua a vidente — nunca morrerá, muito depois teria sido vendida na Palestina, como ganha-pão, sob o nome de *Rosa de Jericó*.

E ainda, segundo o autor do opúsculo atrás citado nas lagoas de Mato-Grosso (Brasil), descobriram-se flores aquáticas, de tecido tão compacto, que até animais e pessoas podem andar por cima delas, como terra firme.

Por minha vez esclareço que a *Rosa de Jericó* a que atrás se faz referência, é uma planta do género das crucíferas dos areais marítimos da Síria e da Arábia que possui a particularidade curiosa de reviver depois de haver sido seca.

E o meu Amigo, sr. José Correia Borges, funcionário aposentado de Moçambique e antigo herói da companhia do Gungunhana, diz-me que naquela nossa colónia há uma planta nossa cujas folhas podem com um homem num cavalo, como se fosse terra firme, mas que não se lembra do nome daquela vegetal.

(1) — Pentáculo: Figura geométri-

## CONVERSA DA SEMANA

# A GRIPE

Continuação da 1.ª página

talizante do organismo debilitado. Novamente as nádegas são alvo de tiro em barraca de feira. Mas todos os assistentes desempenharam com bom êxito a sua nobre missão. A vítima salvou-se.

Ora, se não fosse a Medicina, acompanhada da Terapêutica, sua irmã gêmea, com as novas descobertas, que seria feito de milhões de seres humanos no meio desta epidemia selvagem? Tributemos, por isso, justa homenagem a quem a ela tem direito.

Dizia-nos um amigo espectralizado que há cerca de dois anos venceu um forte ataque de gripe com leite de cabra do Alentejo, quentinho. Fez-nos lembrar um outro — e

esse tem fumaças de curandeiro — que combateu heroicamente uma bronco-pneumonia com água-férrea dos Morenos, também quentinho. Se estes dois maduros tosem atacados no «governamento» pela moderna gripe Mao-Tsé, o leite de cabra do Alentejo e a água-férrea dos Morenos só serviriam para lavar o... crânio. É pena que o velho Parra das mezinhas não seja vivo, herege que tinha relações com o Diabo, como diziam as beatas asnhadas desse tempo, que por sua vez aconselhavam benzeduras contra as influências. Não obstante, tantas vidas preciosas foram vítimas da crendice...

T.

## Festas Natalícias em Olhão

(Continuação da 1.ª página)

### CAT do Pessoal da Câmara

Foi bem, pôde dizer-se, o primeiro acto colectivo do novel Centro de Alegria no Trabalho do Pessoal da Câmara Municipal de Olhão. Decorreu no salão nobre do Município, presidindo à festa o sr. Ferro Galvão, presidente da edilidade. Junto ao presépio que prendeu a atenção da petizada, e a uma artística Árvore de Natal, houve distribuição de brinquedos e guloseimas, feita por um Pai Natal verdadeiro. Durante a festa usaram da palavra os sr. Joaquim Moreira Parra, presidente do C. A. T. do Pessoal da Câmara Municipal de Olhão, o Rev. Cônego Vieira Falé, pároco de Olhão e o sr. Ferro Galvão, presidente do Município.

A festa foi abrilhantada com a actualização do Rancho Folclórico da Casa do Povo de Mõncarapacho, que interpretou com aquele elevado nível que lhe é peculiar as danças e cantares do nosso Algarve.

### Na Santa Casa da Misericórdia de Olhão

Também, como já é tradicional, as crianças da Creche «Maria Helena Rufino», tiveram a sua festa de Natal, que constou de uma merenda, durante a qual lhes foram oferecidos brinquedos e guloseimas.

Cumprindo uma «Boa acção colectiva» e tal como em anos anteriores, os briosos componentes do Grupo n.º 6 (Olhão) da Associação dos Escoteiros de Portugal visitaram o Asilo dos Velhos e Inválidos, proporcionando aos internados um agradável recreio, com distribuição de algumas lembranças.

### Na Secção da Guarda Fiscal

No edifício da Guarda Fiscal (Secção de Olhão) reuniram-se em amena confraternização as famílias dos elementos da Corporação. Estiveram presentes os srs. Tenente Cravinho (Comandante da Secção), Dr. Joaquim Saraiva e Cônego Vieira Falé. No decorrer de um lanche houve distribuição de brinquedos e lembranças aos filhos dos elementos da Guarda Fiscal.

ca que simboliza um ser invisível ou uma doutrina; o tipo dos pentáculos é o pentagrama, e este uma estrela de cinco pontas, símbolo do microcosmo. Provém do grego *pentagrama*, que quer dizer cinco letras.

### Damião de Vasconcelos

N. R. — Foi inutilmente procurada nas visões de Catarina Emerich a notícia de que a St.ª Família andou pelo Brasil. Isto é uma encantadora imbecilidade que só Leopoldo Machado leu e D. V. acreditou, porque em seu tempo as visões de Ana Catarina Emerich não tinham sido traduzidas em português.

C. E. não é espírito é antes uma criatura dotada com o dom da visão anterior das coisas. Disse coisas que a ciência e investigação comprovaram e no entanto era uma quase analfabeta que falava a difícil língua aramáica. Como? Porquê? Ninguém soube.

O Sara era, afinal, a península do Sinai, em parte desértica.

Tarsis ou antes Tharsis não fica no Brasil. Era antiga colónia grega, ao sul de Espanha, hoje Andaluzia.

Segundo Cat. Emm. a Santa Família esteve no Egipto, perto de Mênfis e atravessou de barco, um pequeno canal artificial que antecedeu o Suez e foi mandado cavar por um faraó para ligar o Mediterrâneo ao Mar Vermelho, o Nekao.

## Pequenos Apontamentos

(Continuação da 1.ª página)

cional, ganhara um dos primeiros prémios, aconteceu viajar no mesmo avião em que também vinha uma equipa do nosso futebol. E enquanto esta tinha a esperá-la uma massa aguerrida e entusiasta o Coró chegava incógnito passando despercebido. Não nos admira isto numa época em que por ter metido mil golos, Pelé, o célebre jogador brasileiro, vê uma emissão de selos em sua honra, e condecorado e recebe os parabéns da rainha de Inglaterra, avara nestas manifestações. Não há muito, quando muito se falou num afamado ciclista, ouvimos na rua alguém dizer extasiado: «O que Portugal deve a este homem!» Nós ainda não tínhamos adquirido consciência da real validade de tão frequentes méritos e pusemo-nos a cismar se não andaríamos errados em atribuir méritos excepcionais a outras individualidades a quem rendamos tributo de admiração pelas suas qualidades intelectuais e morais. Um dia andávamos em busca de um dos nossos filhos para seguir determinada viagem cujo horário estava a chegar quando nos informaram que estava jogando à bola. Arreliámo-nos e vendo a nossa arrelia retorquiram-nos: «Deixe lá. Quem sabe se está ali o futuro do rapaz?» Não estava; se tivesse sido condecorado e homenageado com a grandeza que só a privilegiados se presta. Não há dúvida — antes pernas que cabeça ou coração.

## Gala

Porque no «apontamento» antecedente falámos no Coró acudiu-nos à memória a lembrança de um orfeão em Faro de que fizemos parte: O Orfeão da Escola Normal de Faro que se criou aí por volta de 1915 e deu dois espectáculos — um em Faro e o outro em Olhão. Dissemos que fizemos parte por jactância de que nos perdoarão. Com a vibratidade granítica do nosso ouvido só por milagre acertaríamos com uma nota. Por sinal que o regente, o falecido Dr. Manuel Pedro Guerreiro, se convenceu que nós não falhámos no canto. Os rapazes, por poucos, foram remetidos sem escolha para o naipe dos baixos. Nos ensaios o doutor Guerreiro acompanhava também nesse tom e nós para que não fosse reconhecida a nossa inapetência olhámos para ele e acompanhámo-lo trejeitando os movimentos que dava à boca sem omitirmos um Batiamos sempre certo. Os nossos companheiros logo que vinha a jeito insinuavam, por troça, que em música éramos uns portentos. A tal ponto que o doutor Guerreiro, certa vez, entregando-nos o violino nos pediu para ensaiar os rapazes. Não tivemos coragem para continuar a farsa e confessámos então a nossa inutilidade. Quem em Faro fez a apresentação fomos nós. Por sinal que atacados de verborreia, pandas as velas da nossa facúndia, o dr. Guerreiro, dos bastidores, nos pediu que fechássemos a torneira, que já chegava. Nessa noite um amigo do nosso pai pôs à nossa disposição o seu trem, para que o novo Demóstenes não chegasse a pé à tribuna. Assinala-se a importância do facto porque então em Faro só havia o automóvel do sr. Comendador Ferreira Neto e, mesmo os trens, eram em número reduzido. Se não nos havíamos de sentir orgulhosos ante tanta gente pois a casa estava a trasbordar. Hoje estamos depenados e de tudo o que nos resta é a poeira cinzenta da saudade.

Trindade e Lima

Este Jornal foi visado pela Censura

## Balanco e Reflexões

(Continuação da 1.ª página)

São estas as considerações que à nossa pena acorrem neste começo de um Novo Ano, ao endereçarmos votos de felicidades e agradecimentos a quantos conosco lealmente têm colaborado e nos têm acompanhado nesta longa caminhada, em defesa dos interesses da terra e da província que nos viu nascer.

Alguém seria capaz de fazer melhor com os elementos de que dispomos e ser mais persistente?

São considerandos que deixamos à consciência dos taverenses e algarvios sem pretender com isso envaidecer-nos.

Porém, também é grato proclamarmos que desde os mais remotos tempos da sua existência, segundo rezam as crónicas, a cidade nunca teve um jornal que contasse um período de vida tão longo.

De cabeça erguida continuamos a jornada neste ano que acaba de se inscrever no ca-

lendario, com a mesma boa vontade da primeira hora muito embora, como é natural, o entusiasmo tenha sofrido os seus desgastes.

Estas considerações não envolvem qualquer ressentimento ou motivo de vaidade, que nunca tivemos, e representará apenas aquelas naturais reflexões que todos fazemos de vez em quando, na intimidade, e que são como que um balanço do passado para criar confiança no futuro.

Para os amigos, que nos têm ajudado de qualquer modo a vencer tão ingreme encosta, vai o nosso mais expressivo bem haja e para aqueles a quem em momento aziago ou pela força das circunstâncias tivemos que chamar à atenção ou repreender, e que devem ser em número bem reduzido, exarámos aqui o nosso «mea culpa» sem quebra de dignidade, impulsionados pelos princípios cristãos que nos animam.

# GENTE GRADA

## DA VILA DE OLHÃO E SEU TERMO

(44)

por ANTERO NOBRE

Dr. Francisco Fernandes Lopes

O Dr. Francisco Fernandes Lopes foi, incontestavelmente, não apenas o mais alto valor intelectual da vida olhanense de todos os tempos, mas um dos mais altos da vida algarvia e da vida portuguesa do seu tempo.

Médico, professor de línguas (entendia de quase todas as línguas cultas, incluindo o russo), de ciências e de história, filósofo, musicógrafo, arqueó-



logo, etnógrafo, historiador, crítico de arte, escritor e jornalista; um autêntico espírito enciclopédico, «um talento multiforme e multifacetado, sabendo de tudo mais do que é vulgar e conhecendo profundamente muitas coisas», como alguém dele disse um dia — podemos considerá-lo uma autêntica figura da Renascença desgarrada do nosso tempo, um espírito universal a quem, por isso, todo o saber humano interessava e que todos os assuntos tocava com relativa profundidade e com real originalidade, às vezes mesmo com clampejos que se podem classificar de geniais».

Por tudo isto, que na realidade foi, o Dr. Francisco Fernandes Lopes grangeou desde muito cedo, dentro e fora de Portugal, admiradores e amigos sem conta, entre eles, quase todas as maiores figuras da vida literária, artística e científica portuguesa e bastantes das maiores da vida científica europeia do seu tempo, com os quais se correspondia amiudadamente sobre os mais diversos assuntos e que não poucas vezes o visitaram na sua casa, honrando e prestigiando Olhão com a sua presença. Aquela vila ficou devendo, assim, imenso do seu prestígio de terra civilizada e culta a esse olhanense de cujo exotismo no trajar, no viver e no conviver (os génios toram sempre exóticos no seu tempo e no meio em que viveram!) muitos dos seus conterrâneos algumas vezes se riram e troçaram não poucas.

Aliás, as gerações olhanenses da primeira metade deste século, embora disso não se tenham bem apercebido, também não pouco lhe ficaram devendo da sua promoção cultural, não só porque centenas dos jovens filhos de Olhão dos anos 20 a 40 foram seus alunos nas escolas secundárias algarvias, mas sobretudo pelo seu ensino de longos anos seguidos nas autênticas escolas que ele improvisava, em qualquer lugar (na rua, no café, nas sociedades, no consultório, nas próprias casas dos seus doentes, quando os ia visitar...) e a qualquer hora do dia ou da noite, desde que tivesse ouvintes interessados e atentos de qualquer classe social e de qualquer nível intelectual ou desenvolvimento espiritual, e ainda pelas iniciativas culturais que tomou ou em que colaborou na sua terra

natal, algumas delas que atingiram alto nível e tiveram mesmo repercussão nacional.

Entre estas suas iniciativas culturais, que não foram poucas (conferências, concertos, recitais, exposições, representações culturais, etc.), destacaram-se sobretudo os *serões musicais* que realizou no Grémio Olhanense nos anos 24 a 28, obra de divulgação musical única em todo o País e por isso altamente apreciada e elogiada pelos maiores valores da música portuguesa contemporânea, serões nos quais, em pequenas palestras explicativas, fez prepassar perante os olhanenses cultos toda a história da música, ilustrando sempre as suas palavras com a audição das mais representativas e mais célebres composições dos maiores músicos de todos os tempos, executadas por primoroso grupo de amadores locais, que ele próprio organizou, ensinou e ensaiou. O êxito e a fama destes serões foi tal, que para a eles assistirem vieram a Olhão muitas pessoas de todo o Algarve e mesmo de outros pontos de Portugal, entre elas algumas com nomes já então consagrados nos meios musicais portugueses, como Pedro de Freitas Branco, Rui Coelho, Francine Benoit e Ema Romero (dos Santos Fonseca da Câmara Reys), esta última com uma notabilíssima obra também de «Divulgação Musical», realizada em Lisboa por meio de concertos que ficaram célebres, e que, entusiasmada com o que viu e ouviu na pequena vila algarvia, convidou imediatamente o Dr. Francisco Fernandes Lopes para abrir alguns dos seus posteriores concertos na capital com conferências, que ele proferiu revelando autêntica maestria e profundos conhecimentos musicais e merecendo franco aplauso da crítica mais exigente. Algumas dessas conferências (por exemplo as intituladas *Concerto Austriaco*, *Música de Câmara de Florent Schmitt*, *Melodia Francesa Contemporânea* e *A Música nos Autos de Gil Vicente*) mereceram, mesmo, ser depois publicadas por Ema Romero num dos volumes da sua interessante obra *Seis anos de divulgação musical* (Lisboa, 1929-1930). Aliás, no campo musical, o Dr. Francisco Fernandes Lopes não se limitou a essa obra de divulgação. Como compositor de merecimento, que também foi, ficou-se-lhe devendo a formosa ópera *Belkiss*, sobre o famoso poema em prosa do grande poeta Eugénio de Castro, uma primorosa *Balada do Fumo* (publicada em 1913), várias outras composições, algumas muito belas, sobre versos de Camões, Antero de Quental, António Sardiha, João de Deus, João Lúcio e Cândido Guerreiro, e a música de fundo ou comentário musical do *Auto das Rosas de Santa Maria*, que o último daqueles poetas compôs para as celebrações de Sagres do Centenário do Infante D. Henrique, em 1960. Como investigador e crítico musical, devem-se-lhe os profundos, eficientes e mesmo definitivos estudos do problema da música das célebres *Cantigas de Santa Maria*, de Afonso X, *O Sábio*, de Castela, sobre o qual fez aturados estudos em Madrid, no Escorial e em Sevilha, sobre que manteve acesas e vitoriosas polémicas com eruditos espanhóis e franceses e proferiu notáveis conferências em Lisboa e em Córdova, estudos que depois publicou com grande êxito em Portugal e na Espanha sob os

## Misericórdia de Tavira

### Novo Serviço de Otorrino-Laringologia no Hospital da Misericórdia de Tavira

A partir do mês de Janeiro corrente inaugura-se no Hospital de Tavira, um novo serviço de otorrino-laringologia sob a direcção do médico especialista Dr. António José Alves Bento Duarte Guimarães.

O serviço de consultas e de operações é mensal, coincidindo com a última quinta-feira de cada mês, ou seja, para o mês corrente, no dia 29, pelas 14 horas.

Tavira, em 2 de Janeiro de 1970.

A Direcção

## HOTEL VASCO DA GAMA

MONTE GORDO  
ABERTO TODO O ANO  
1.ª CLASSE - A - 200 QUARTOS  
RESTAURANTE - BOITE - BAR - PISCINA  
Telef. 321 - 322 - 323 VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

### AGÊNCIA PENINSULAR

DE VIAGENS E TURISMO  
FUNDADA EM 1925  
DE  
MANUEL ARCHANJO VIEGAS

VIA AÉREA • MARÍTIMA • TERRESTRE

- \* PASSAGENS PARA TODOS OS PAÍSES POR VIA AÉREA
- \* PASSAGENS DE VAPOR PARA TODOS OS PAÍSES
- \* BILHETES DE COMBOIO PARA O PAÍS E ESTRANGEIRO
- \* CIRCUITOS EM AUTOCARROS
- \* ALUGUER DE AUTOMÓVEIS COM, OU SEM MOTORISTA
- \* EXCURSÕES NO PAÍS E AO ESTRANGEIRO
- \* RESERVA DE HOTÉIS EM PORTUGAL E TODOS OS PAÍSES
- \* SEGUROS DE PASSAGEIROS E BAGAGENS
- \* LEGALIZAÇÃO DE DOCUMENTOS E VISTOS CONSULARES
- \* SERVIÇO DE CARGA MARÍTIMA E AÉREA

SEMPRE A PREÇOS OFICIAIS

AGENTE OFICIAL DA

AGENTE DE TODAS AS COMPANHIAS AÉREAS E MARÍTIMAS

R. CONSELHEIRO BIVAR, 58-TELEF. 22908-TELEG.: "ARCHANJO"-FARO  
FILIAL - PRAÇA DA REPÚBLICA, 24-26-TELEF. 375-LOULÉ  
CÓDIGOS BENTLEY'S RIBEIRO - FARO - PORTUGAL

## PEREIRAS E PESSEGUEIROS

e outras mais qualidades de fruteiras das mais recentes variedades; têm para entrega imediata os

### VIVEIROS da QUINTA do OLHEIRO

DE  
JOSÉ DE ASSUNÇÃO BATISTA  
Tapada de Ceira Telef. 9 21 64 COIMBRA

Enviam-se Catálogos grátis a quem os requisitar

títulos de *A 183.ª das Cantigas de Santa Maria* e *As Cantigas de Santa Maria do Rei Afonso X e a sua música*, e sobre que apresentou ainda, em 1945, uma importante comunicação ao Congresso Luso-Espanhol de Córdova, que a revista portuguesa *Brotéria* publicou no mesmo ano sob o título de *A Música das Cantigas de Santa Maria e o problema da sua decifração*. E como historiógrafo da música ficou-se-lhe devendo o valioso trabalho *A Música em Portugal*, publicado em Braga, e a conferência *A Época Moderna Portuguesa*, proferida em 1934, em Lisboa, no célebre ciclo do *Renascimento Musical*, e no mesmo ano publicada em opúsculo.

Continua

## VERSOS

Obra literária do Poeta Isidoro Pires, à venda na Redacção do «Povo Algarvio».

PARA BANQUETES, CASAMENTOS, LANCHES  
E BAPTIZADOS ATÉ 300 PESSOAS ESCOLHA O  
**RESTAURANTE SIROCO**  
EM OLHÃO

## NECROLOGIA

Francisco da Conceição Paula

Faleceu há dias em Lagos, o sr. Francisco da Conceição Paula, de 85 anos de idade, natural de Loulé e há muitos anos residente naquela localidade.

Era proprietário da tipografia Lacobrigense e do nosso prezado colega «Jornal de Lagos».

Era casado com a sr.ª D. Maria da Glória Vieira Santana Paula e era pai dos srs. Amândio Santana Paula, administrador e redactor do mesmo jornal e Eduardo de Santana Paula.

D. Maria da Encarnação Lita Brilhante

Faleceu há dias na capital, a sr.ª D. Maria da Encarnação Lita Brilhante, de 78 anos de idade, natural de Tavira. Deixa viuvo o sr. Manuel António Brilhante e era mãe da sr.ª D. Maria Julieta Alfaria Vicente Ramos.

Joaquim Aldomiro

No passado dia 26 de Dezembro, faleceu no Hospital de Olhão, o sr. Joaquim Aldomiro, de 66 anos, natural de Tavira.

O falecido deixa viúva a sr.ª D. Maria Luísa Horta.

O seu funeral que se realizou na tarde de 27 de Dezembro, do ano findo, saiu da Igreja do Carmo, onde o corpo esteve depositado, para o cemitério do Calvário, tendo-se incorporado no préstito fúnebre muitas pessoas pois o falecido era pessoa que gosava de muitas simpatias.

As famílias enlutadas endereçamos sentidos pésames.

## Publicações Recebidas

DA  
Livraria Civilização Editora - Porto

Escola de Música  
de Jonh Updike

Relativamente novo, pois nasceu em 1932 em Shillington, Pensilvânia, John Updike fez parte do corpo redactorial de *The New Yorker* onde colaborou com ensaios, poemas e contos. A sua novela *O Centauro* recebeu o prémio Nacional do Livro de Ficção em 1964 e um dos contos incluídos neste volume «A Poetisa Búlgara» obteve em 1966 o Primeiro Prémio O. Henry.

Não será difícil compreender, lendo as histórias integradas nesta colectânea, a perplexidade dos críticos perante o fenómeno Updike. A dificuldade em defini-lo tem sido suprida recorrendo a analogias, comparando-o ora a Graham Greene ou até ao James Joyce de «Gente de Dublin».

Conjugando uma ironia que ronda o sarcasmo, com um sentido poético de singular graciosidade, Updike transcendente e hipótese de qualquer comparação num dos contos mais admiráveis deste volume, precisamente o que dá o título ao livro.

É os dramas inerentes à «era da angústia» não lhe são estranhos — esses dramas subtis e dilacerantes, corrosivos como um veneno que actua lentamente, refletindo-se em muitos contos deste livro.

O «POVO ALGARVIO»  
É O MAIS EXPRESSIVO  
PORTA-VOZ DE TAVIRA

## LOTES PARA CASAS

desde 15 C.

ALMADA - SEIXAL - MOITA  
Andares e Prédios

facilito pagamento até 6 anos

Óptimo investimento  
de capital

Consulte: no seu próprio interesse

J. a. G. CAETANO

R. Alvaro Abranches da Câmara, 29

Telef. 27 48 83 ALMADA

